



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba



UEPB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES- GUARABIRA- PB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA AFRO-BRASILEIROS E
INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

PRISCILA JULIENE DA SILVA ARAUJO

**REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA: no livro didático de língua
portuguesa**

GUARABIRA – PB

2018

PRISCILA JULIENE DA SILVA ARAUJO

**REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA: no livro didático de língua
portuguesa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de concentração: Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima

GUARABIRA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658r Araujo, Priscila Juliene da Silva.
Representação da criança negra [manuscrito] : no livro didático de língua portuguesa / Priscila Juliene da Silva Araujo. - 2018.
38 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima, Departamento de História - CH."

1. Identidade. 2. Imagens. 3. Representação. 4. Cultura Afro-brasileira.

21. ed. CDD 960

PRISCILA JULIENE DA SILVA ARAUJO

REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA: no livro didático de língua portuguesa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

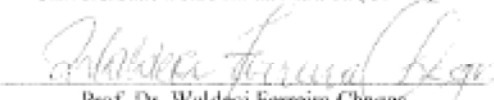
Área de concentração: Educação.

Aprovado em: 20/03/2025
Nota: _____.

BANCA EXAMINADORA


Prof.Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Profª.Drª. Ivonildes da Silva Fonseca (Coorientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Waldécio Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

O sonho de uma criança envolveu uma realização profissional de uma mulher negra, qual fez dos obstáculos degraus a sua projeção de vitória de vida. Sempre determinada naquilo que deseja, confrontando às vezes aqueles que desconhecem sua altivez e perspicácia. Dedico a eu mesma: Priscila Juliene.

AGRADECIMENTOS

A construção de sonho pessoal não só parte do sujeito que sonha, mas sim pelos rizomas de elos amizados. Elos estes que foram fomentados desde a graduação e se sustentam até os dias atuais. Em meus agradecimentos não poderiam faltar Taynnã Valentin, que não abdicou esforços para trilhar nos caminhos rumo a Guarabira, em busca de *ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL*, voltada ao que eu acredito. Compartilhamos sonhos semelhantes que se projetam a uma realidade próxima: Professoras de Universidade.

A Tayse Julia, agradeço pelos incentivos ao meu crescimento profissional, sempre buscando, em mim, particularidade da *Janela Johari*, ela me enquadra em área do Eu cego: enxergar em mim, o que não vejo. Junto a ela compartilho o bom sentimento por Elis Mara, que inúmeras vezes em madrugadas longas discutíamos teoria da história. Obrigada amigas pela grande força.

Ao professor Carlos Adriano que acreditou em meu TCC, não hesitou em fazer essa orientação a longa distância. A sua partilha de conhecimento não ficou apenas restrita a orientação, mas sim em almoços coletivos com a turma querida, que contribuiu com grandes amigos que levo para vida: Aline (Juarez), Neto Camilo, Acácia e demais. A este homem agradeço, por seus discursos quais um dia serão base a futura projeção da escrita de um livro próprio.

Não poderia deixar de citar os coordenadores da especialização, a vocês agradeço pela abertura deste espaço, que tratam de uma temática qual acredito e que fez diferença em minha vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso das imagens voltadas às crianças negras inseridas no livro didático do 8º ano do Ensino Fundamental II de Língua Portuguesa, da coleção *Vontade de Saber Português* (2012), com intuito de identificar como tais iconografias são abordadas no livro, que apresentam uma desconstrução de evidenciar apenas crianças branca, na inclusão didática. Para trilhar essa investigação histórica, com caráter interdisciplinar, fizemos o estudo das contribuições de Circe Bittencourt (2008), que colaborou com seu conhecimento pertinente ao ensino de história e a didática. Nosso aporte teórico conta ainda com autores pós-modernos, como Michel Foucault (1996), com sua discussão sobre as relações de poder; Michel de Certeau (2007), com a problemática do lugar social. Apresentamos também, ao longo das nossas discussões, a forma como o movimento negro contribuiu para a inclusão da cultura afro-brasileira através das lutas pela auto-afirmação da identidade negra, a partir das considerações do autor Pereira (2010). Assim, nossa análise apoia-se também na LEI 10.639/2003, que foi uma das consequências desse movimento, isto é, tornou obrigatório os livros didáticos apresentarem a cultura Afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Afro-brasileira. Identidade. Imagens. Representação.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the use of the images directed to the black children inserted in the Portuguese textbook of the 8th year of Elementary School, of the collection *Vontade de Saber Português* (2012), in order to identify how these iconographies are approached in the book. To pinch this historical investigation, which has an interdisciplinary character, we had made a studied of the contributions of Circe Bittencourt (2008), who collaborates with his pertinent knowledge on history teaching and didactics. Our theoretical background also counts on postmodern authors, such as Michel Foucault (1996), with his discussion on power relations; Michel de Certeau (2007), with the problematic of the social place. We also presented, in the course of our discussion, the way the black movement contributed to the inclusion of Afro-Brazilian culture through the struggles for self-affirmation of black identity, based on the considerations of Pereira (2010). Thus, our analysis is also based on the Brazilian law 10.639/2003, which was one of the consequences of this movement, that is, it made compulsory for textbooks to present Afro-Brazilian culture.

KEYWORDS: Afro-Brazilian culture. Identity. Images. Representation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: A criança negra em sala de aula	24
Imagem 02: Espaço escolar	30
Imagem 03: Respeitabilidade	31
Imagem 04: Interação social	32
Imagem 05: Descobrindo o saber	33
Imagem 06: Respeito às diferenças preferenciais	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. INTERLOCUÇÃO DO SABER HISTÓRICO E A LÍNGUA PORTUGUESA	14
1.1 – Identificação estrutural do livro didático de língua portuguesa e a cultura histórica	16
2. MEMÓRIA E IMAGEM NO APRENDIZADO DIDÁTICO ESCOLAR	19
2.1- Discurso e identidade na projeção iconográfica	25
3. RESSIGNIFICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA APLICABILIDADE DA LEI nº 10.639/2003	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS E FONTES	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se desenvolve a partir da análise das imagens relacionadas à cultura negra encontradas no livro didático do 8º ano do Ensino Fundamental II de Língua Portuguesa, coleção *Vontade de Saber português* (2012). Nossa inquietação tenta responder de que maneira essa inserção se deu, se houve uma preocupação ou não em relação à apropriação da cultura Afro-brasileira para fins didáticos e se o público infantil foi respeitado nessas escolhas.

Os nossos questionamentos quanto à inclusão de representação da criança negra no livro didático foi problematizado a partir da contextualização histórica das lutas de reafirmações da identidade negra através do Movimento Negro brasileiro¹. Assim a nossa coleta de dados, quantificou as aparições de imagens voltadas para o público infantil negro. Pudemos, portanto, verificar que o livro em análise nos prestigia com inúmeras ilustrações diversificadas, que retratam as imagens de várias crianças negras, estabelecendo respeito ao povo afro-brasileira.

A metodologia escolhida para se atingir os objetivos desta pesquisa foram traçados por base bibliográfica, em que dispusermos de autores relevantes da historiografia como Circe Bittencourt (2008), que aborda assuntos voltados à memória do livro de didático; Choppin (2004), que relata a história do livro e suas edições.

Ensejamos dialogar com conceito de representação, que tem como um dos principais autores Roger Chartier (1988). Também evidenciaremos Stuart Hall (2006), que colabora com estudos a cerca da busca pela identidade cultural na pós-modernidade. Peter Burke (1992), que traz contribuição acerca da iconografia que dialoga com o uso das fontes visuais.

Vale salientar que este trabalho buscou uma associação interdisciplinar do conhecimento histórico com a língua portuguesa. Desmistificando os saberes das diferentes áreas que por sua vez, podem ser reflexivos no campo do conhecimento. O suporte teórico voltado a esta pesquisa fundamenta-se em autores pós-modernos, que tem entre seus teóricos Michel Foucault (1996), com sua discussão sobre as relações de poder, e Michel de Certeau (2007), com a problemática do lugar social.

¹Segundo Pereira (2010), em sua tese, o Movimento Negro de 1970, é um movimento contemporâneo, que tinha como propósito combater o racismo no Brasil nessa década.

A inquietação sobre as imagens de crianças negras nos livros didáticos de Língua Portuguesa, surgiu em minha fase infanto-juvenil, quando fazia uso do livro didático de Língua Portuguesa *Eu Gosto de Comunicação*—4ª série (1995)², uma obra de Célia Passos e Zeneide Silva. Recordo que o livro fez parte da minha trajetória escolar.

Com olhos curiosos de criança sempre folheava este livro, e pouco me identificava como criança negra no mesmo, nas retratações das imagens, que o livro apresentava. Devido a este incômodo, decidi trilhar os passos de minha pesquisa em direção à análise de um livro didático da Língua Portuguesa contemporânea, buscando compreender dentro do exemplar analisando em que momento há a presença das ilustrações de crianças negras.

Além disso, o trabalho visa estabelecer uma ponte entre o ensino de história e o ensino da língua portuguesa, a partir do uso, de um exemplar didático de língua portuguesa do ensino fundamental II do 8º ano, priorizando uma análise diacrônica, uma vez que anteriormente os livros didáticos, em geral, não apresentavam imagens de crianças negras. Esta mudança se deu a partir de políticas afirmativas em busca e aceitação da identidade negra.

Para uma ação de senso crítico analítica, cabe ao pesquisador conhecimento prévio sobre o método da análise realizado a esta pesquisa. O livro exposto faz parte do processo de ensino-aprendizagem dos alunos do estado da Paraíba, tendo sido adotado para triênio 2014 – 2016, sendo um instrumento muito utilizado como metodologia de trabalho do professor em sala de aula, já que é entregue gratuitamente aos alunos durante o período de uso.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento a Educação (FNDE), órgão regulamentador da escolha dos livros didáticos e responsável pela distribuição dos mesmos, aprovou a coleção Vontade de Saber da editora FTD, que também teve coleções de livros didáticos de outras disciplinas aprovadas (foram 13 coleções ao todo). Dentre elas optamos por analisar o livro do 8º ano da coleção voltada ao ensino de língua portuguesa.

Nossa análise foi tecida dentro da perspectiva histórica, no tangente aos conhecimentos da História Social³ e conduzimos este trabalho a partir da obra didática,

²PASSOS, Célia e SILVA, Zeneide. **Eu gosto de comunicação: Língua Portuguesa**. 4ª série. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

³ Sabemos que a História Social, tinha como objetividade estudar os povos marginalizados, ganhando notoriedade com E.P. Thompson um dos principais estudiosos, da história social. Os historiadores sociais

utilizada em sala de aula. A fim de atingir este objetivo, tivemos a prudência de considerar que o livro traz sua pluralidade no tccer do saber educacional, priorizando conteúdos de língua portuguesa. Sabemos que o profissional da língua portuguesa, pode oferecer conhecimento ao alunado, intervindo e complementando o que o livro apresenta em sala de aula. Não é de nosso interesse fazer esse levantamento, nos detemos ao livro, como documento impresso e imutável.

Com este trabalho pretendemos estimular uma aproximação da língua portuguesa com o conhecimento histórico, traçando uma relação do saber interdisciplinar, priorizando, as representações que são abordadas a cerca da criança negra, no livro didático do 8º ano do fundamental II da coleção *Vontade de Saber*.

Assim analisamos o modo como são formulados os estereótipos criados aos negros, que segundo Pereira (2004) podem influenciar no intelecto de determinados grupos, que em nosso caso consistem nas crianças negras. Para a construção desta descrição textual, teremos suporte teórico de Chartier (1996), que tem sua relevância para a compreensão de representatividade, neste aspecto trabalharemos com o auxílio da relação estabelecida entre o conceito de representação e estereótipos que abordaremos na análise realizada no livro de acordo com nosso objetivo traçado.

A intenção desta pesquisa está correlacionada à discussão sobre as imagens apresentadas que seguem, fazendo uma ruptura entre o passado-presente, desmistificando atemporalidade histórica, e pontuando a especificidade temporal da época vivida. Esta pesquisa pode ser utilizada como suporte, para aqueles que por sua vez desejem fazer um trabalho interdisciplinar, buscando ampliar o leque do saber. Ressaltamos que o componente curricular de História pode ser facilmente relacionado como componente da Língua Portuguesa, ambas as disciplinas utilizam a imagem como recurso de comunicação e interação para como público alvo, o alunado.

Temos como interesse primordial analisar as representações, explanadas nos discursos através da iconografia, que observamos uma correlação a história da arte. Dentro dessa perspectiva, podemos mencionar Burke (2004), que retrata a importância das imagens na pesquisa histórica. As iconografias encontradas no livro didático de língua portuguesa, que configuram o desenvolvimento da nossa pesquisa, têm como um de seus propósitos a desconstrução de identidade, que foram inseridas a criança negra,

que conseqüentemente está imbricado ao passado histórico, marcado por herança escravista. Este estudo nos permitiu fazer um apontamento do que foi modificado com relação aos personagens negros infantis.

Nossa pretensão será desvelar sobre o discurso não verbal, de desconstrução montada, à etnia Afro-Brasileira, que tem com o amparo a lei nº 10.639/2003⁴, estabelecendo uma relação entre o ensino de História com o ensino de Língua Portuguesa. A construção desta pesquisa esta embasada na prática de categoria de gênero, tendo como identificador de estereótipos, que denotam na análise das iconografias, relacionada à etnia negra.

A estrutura do nosso trabalho está composta em capítulos, que serão divididos em três partes. O primeiro capítulo intitulado por *Identificação estrutural do livro didático de língua portuguesa e a cultura histórica*, tratará sobre a produção de realização estrutural do livro didático no campo língua portuguesa, focado a dimensão do processo cultural histórico.

O segundo capítulo intitulado, *Memória e Imagem no aprendizado didático escolar*, evidenciando relação do livro como objeto de memória do saber escolar através da exemplificação das imagens ilustradas. Almejamos compreender como a imagem pode ser vinculada a memória. E se esta memória é importante para a construção de um sentimento de identidade.

O terceiro capítulo, *Ressignificação de Representação e Identidade na aplicabilidade da lei nº 10.639/2003*, ensaia entender como novas abordagens sobre a identidade da criança negra foram aplicadas no livro didático do componente curricular de língua portuguesa do 8ºano, da coleção *Vontade de saber português*, dentro da aplicabilidade da lei 10639/2003.

⁴Em 2003 houve uma alteração nas normas de Lei de Diretrizes e Bases da Educação com a sanção da conhecida lei 10.639, que estabelecia ao ensino nacional brasileiro, segundo critérios do Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Nos incisos ainda do Art.26, podemos destacar da relevância da consideração da inclusão das etnias afro-brasileira: § 1º – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

§ 2º – Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

1. DIÁLOGO DO SABER HISTÓRICO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Sabemos da importância do conhecimento histórico para as relações humanas, tendo seus primeiros registros por meio da oralidade, expressamente marcada pela cultura africana, os Griots⁵. A oralidade por muito tempo não foi considerada como fonte histórica, sobretudo, pelos estudos positivistas, pois os mesmos tomavam apenas como fonte oficial os registros escritos.

A partir da emergência da nova História Cultural e com a ampliação da noção de fonte histórica, o uso da oralidade adentrou no campo das fontes documentais possíveis a pesquisa. Isso viabilizou o estudo de culturas que tem sua base na oralidade, como por exemplo, a cultura africana, que até então era colocada às margens da historiografia.

Sabemos que o continente africano sempre sofrera pelo seu não reconhecimento cultural. A oralidade sempre foi um mecanismo de linguagem preservado dentro do espaço territorial africano devido à herança da ancestralidade, da cultura africana que sempre fizeram o uso de contar histórias, pelos caminhos da oralidade. Embora este apontamento seja encontrado dentre dos relatos historiográficos, é significativo entendermos como a história oral passou a ser importante em nossa cultura.

A fragilidade implícita das fontes orais e considerada universal e irreparável; por isso, para as sociedades se registros escritos, o alcance convencional do discernimento e desanimador. Em um extremo, Arthur Marwickem *The Nature o fhistory* que “a história baseada exclusivamente em fontes não-documentais, como por exemplo, a história de uma comunidade africana pode ser mais imprecisa e menos satisfatória do que uma extraída de documentos, a menos que haja documentos não pode haver uma história adequada. Desde o início da história(isto e, da história escrita segundo o método de Ranke, a África tem sido vista como um continente a-histórico par excellence” (BURKE, 1992, p.163).

A emergência dos estudos voltados para a história da África surge com as novas abordagens advindas da nova historiografia que faz a inclusão de um continente construído de saber e cultura. Segundo Burke (1992), mesmo que Hegel aponte que a África seja a-histórica não fazendo parte do mundo, esta visão passa a ser modificada a partir de revisões historiográficas da Nova História. Um grande historiador que podemos destacar aqui, que visou ressaltar a valorização da história oral é Paul Thompson, que esteve à frente do movimento da história oral, assim como aponta Burke (op.cit.).

⁵Os Griots são os contadores de história que por sua vez trazem sua tradição, de contos via oralidade que é passado de geração a geração, que por sua vez vem da região do império Mali.

A historiografia como podemos ver, em levantamentos de pesquisas começa ser esmiuçada a partir dos anos de 1929, com os a emergência do *Annales*⁶, opondo-se aos estudos positivistas, que traziam trabalhos científicos voltados ao evolucionismo, excluindo, aqueles que não eram considerados relevantes ao desenvolvimento humano, a exemplo dessa exclusão estava o povo negro.

Antes de adentrarmos no assunto proposto é relevante que façamos uma sucinta investigação de como foi originada a língua portuguesa qual esta inserido no componente curricular do livro de português.

Fazendo um estudo histórico quanto ao surgimento da língua portuguesa, identificamos que ela se originou do latim vulgar, que foi introduzido na península Ibérica pelos conquistadores romanos. Assim, nomeamos de neolatinas às línguas modernas que provêm do latim vulgar. No caso da Península Ibérica, podemos citar o catalão, o castelhano e o galego-português, fusão de povos diversos, da qual resultou a língua portuguesa.

A língua portuguesa possui características diferenciadas da língua portuguesa de Portugal, devido à entrada dos africanos ao Brasil, isto se dá pela imensa diversificação de etnias inseridas em terras de *brasillis*⁷ (SOUSA, 1986). De acordo com Figueiredo (2011), é perceptível à influência da língua africana na fala do povo brasileiro.

Por que o português falado no Brasil é tão diferente, no vocabulário, na prosódia, e mesmo na sintaxe, da língua que é falada em Portugal? Em parte, por causa da influência dos africanos que foram trazidos para cá.

Os senhores brasileiros classificavam os escravos de várias maneiras. A primeira forma de diferenciação era estabelecida conforme o nascimento: os que já haviam nascido no Brasil eram chamados de crioulos. Os africanos podiam ser boçais, os recém-chegados, que falavam apenas idiomas africanos ou ladinos, como eram chamados os que já conseguiam se comunicar em português. Fossem crioulos, boçais ou ladinos, pouco a pouco suas palavras, expressões, jeitos de falar e de construir as frases

⁶Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos *Annales*. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. Sob esta visão, a História era relatada como uma crônica de acontecimentos, o novo modelo pretendia em substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das “mentalidades”.

⁷*Brasillis* um dos nomes dados ao Brasil durante a conquista da América, retratado pela autora Laura de Mello e Sousa em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*.

foram se infiltrando na língua portuguesa que se falava por aqui (Cf. FIGUEIREDO, 2011, p. 45).

Portanto compreendemos que os africanos estrangeiros⁸, segundo Momigonian (2017), que vieram trazidos para o Brasil durante a colonização, deram sua contribuição para nossa complexidade cultural e diversidade de termos quanto à língua, dentre outras, pois alcançamos um hibridismo cultural da difusão das práticas culturais de ambos os países.

Mesmo que o discurso do etnocentrismo deixe seus resquícios, de intimidação quanto ao reconhecimento do povo negro, não poderíamos deixar de evidenciar a magnitude, importada por estes, em nossa territorialidade. Como forma de reconhecimento, hoje se observa em grande escala nas produções didáticas, que abrange o ensino escolar, propiciando uma cultura histórica, enaltecendo os alicerces das raízes do Brasil, voltando-se aos africanos e também aos nativos.

1.1-Identificação estrutural do livro didático de língua portuguesa e a cultura histórica

Antes de adentrarmos na exposição, do título acima, o qual será a identificação estrutural do livro didático, é importante problematizarmos como o conceito de didática entra em questão na área de ensino. A didática segundo Haydt (2011) faz parte da construção do conhecimento, conceituando como uma ciência e arte do ensino.

A Didática é uma seção ou ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Enquanto a Pedagogia pode ser conceituada como a ciência e a arte da educação, a Didática é definida como a ciência e a arte do ensino (HAYDT, 2011, p.12).

Os livros são um objeto instrumental de produção ideológica, quais seguem uma cultura histórica do seu tempo e espaço social. Os manuais didáticos seguem um percurso de reprodução do saber. O livro didático é um instrumento de memória coletiva, por isso, sua contextualização e exposição de imagem devem ser usadas de forma cautelosa e anti discriminatória, correspondendo ao seu público de destino. Tal

⁸ O termo utilizado, africano estrangeiro, tem por diferenciação dos escravos livres brasileiros, que seriam aqueles que nasceram dentro de uma nacionalidade brasileira. Está discussão é aplicada por Beatriz Momigonian, que relata a integrada dos africanos trazidos, após a proibição do trafego de escravos, pela constituição de 1824. Ato de coesão outorgada pela Inglaterra.

maneira de ação na prática de fabricação do livro didático é facilmente visível, nas palavras de Bittencourt, vejamos:

O livro didático é antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes às lógicas do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passado pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores (BITTENCOURT, 2008, p.70).

O livro, portanto, objetiva construir um saber imaginário e textual, que subsequentemente leva a construção do consciente do indivíduo. Este livro por sua vez, tem uma imensa escala de leitores que por seguinte, levará a uma formação do saber de forma mais abrangente, no consciente da coletividade.

O que podemos entender sobre o livro didático? Ele é um objeto fundamental na vida escolar, pois atua como instrumento do conhecimento temporal. O livro didático é um produto de dimensão e de cultura histórica, que faz analogias a(re)memorização do indivíduo. Ele também pode ser compreendido como o objeto potencializador da capacidade mental do ser. Viabiliza o ato reflexivo na medida em que sugere o ato de interpretação diante dos conteúdos apresentados, inserindo conhecimento aos alunos, norteando uma nova roupagem consciente do saber no campo identitário.

A produção do livro didático tem seu processo de aprovação realizado pelo Ministério de Educação - MEC. Neste órgão há os ditames de como serão abordados os conteúdos inseridos no livro. A produção textual de um livro segue as normas estabelecidas pelos parâmetros curriculares Nacionais - PCNs, os quais norteiam como deve proceder ao ensino brasileiro em todas as disciplinas dispostas na grade curricular de ensino.

Segundo apontamentos feitos por Bittencourt (1993), o livro didático tem sido um objeto de avaliações contraditórias de certa temporalidade, pois acontece pela ação do educador. Existe uma tendência cada vez maior de abandono do uso do livro didático. Partes dos professores que abandonam os livros escolares, aplicam a culpa, ao estado de fracasso da educação escolar como poderemos ver a seguir. Tal explanação nos faz enxergar os usos e desusos que podem ser referidos ao livro didático:

O livro didático tem sido objeto de avaliações contraditórias nos últimos tempos. Existem professores que abominam os livros escolares, culpando-os pelo estado precário da educação escolar. Outros docentes calam-se ou se posicionam de forma positiva pelo auxílio que os livros prestam ao seu dia-a-dia complicado. O livro didático, no entanto, continua sendo material didático referencial de professores, pais e alunos que apesar do preço, consideram-no referencial básico para o estudo; e em todo o ensino do ano

letivo as editoras continuam colando no mercado uma infinidade de obras, diferenciadas em tamanho e qualidade (BITTENCOURT, 1993, p.71).

Segundo Bittencourt (1993), mesmo que o livro didático apresente avaliações contraditórias, contra ou a favor do seu uso no campo do saber interdisciplinar, é significativo entendermos, que ele traz uma responsabilidade na condução do saber ao aluno. Pois, é ao seu manuseio que o aluno, irá construir sua memória de aprendizado. Esta memória do saber pode ser adquirida tanto na produção textual, quanto nas ilustrações aplicadas no livro didático.

Por isto que pontuamos a relevância de fazermos um levantamento sobre as imagens de crianças negras no livro didático de língua portuguesa. Uma vez que a criança negra que se enxerga dentro das gravuras ela terá uma maior aceitação da sua identidade. Ou seja, ela passará a ser um sujeito incluído no espaço de forma igualitária assim como as crianças brancas. Partindo do ensejo da construção de memória, é que faremos um apontamento com relação à memória coletiva dentro do recurso didático escolar, que será mostrado no nosso segundo capítulo.

2- MEMÓRIA E IMAGEM NO APRENDIZADO DIDÁTICO ESCOLAR

Quando nos referimos a memória coletiva não poderemos deixar de evidenciar a presença de Maurice Halbwachs (2013), um dos primeiros estudiosos a falar a respeito de memórias sociais ou (coletivas), segundo apontamento em Otero (2004, p. 37), durante a primeira metade do século XX, suas contribuições no campo de estudo da memória coletiva, foi de grande relevância.

Analisando as semelhanças entre história e memória, observamos que existe uma relação entre os campos, pois os estudos de memória eram voltados ao campo de da psicologia. E que por sua vez a história é feita por uma memória do passado, tendendo entrelaçar uma teia de saberes, com o passado-presente. A constatação da dimensão social da memória implicou a análise dos “campos de significados”. Para Otero (2004):

No ato de lembrar, nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de campos de pontos de referencia. As noções de tempo e espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória (OTERO Apud BARROS, 1989, p.38).

Podemos concluir a partir da leitura de Halbwachs (2013), que a memória esta vinculada a lembranças das vivências as quais são colocadas em cheque, quando os afetos de laços criam sentimento de pertencimento no grupo, fazendo-se, fixa no presente. A identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo. A discussão sobre identidade será retratada em nosso terceiro capítulo.

A proposta deste capítulo perpassa pela dimensão da memória histórica e como ela é impactante na condição social do indivíduo. Ou seja, nossa intenção é fazer uso do conceito de memória a partir da leitura de Halbwachs (2013), com o objeto instrumental do conhecimento: o livro, uma vez que este é uma caixa de conhecimento revestido em páginas, onde a cada folha lida, será formulado um espaço de intelecto do indivíduo. Podemos pensar, porque associamos o livro didático com a memória?

Sabemos que com base em estudo a Vigoski, a criança previamente faz uma interação ao espaço vivido, mais ela não terá desenvolvimento total sem uma instrumentalização, para norteá-la. Sendo assim entra a função do educador ou mediador para apresentar o saber ao individuo (criança). O livro didático é um dos principais artefatos pedagógicos de instrumentalização da memória de intelecto ao aluno.

No entanto se o livro funciona como uma espécie de caixa de memória podemos então usá-lo como material importante para uma construção de identidade, da criança negra. Neste caso podemos usar o livro didático como um representante de identificação do que é ser negro, sem que as crianças negras não se sintam coagidas, com as imagens que são encontradas no livro. Investir em uma produção didática que tragam personagens próximos a realizada das crianças negras, ajudará na construção de uma identidade negra mais ativa da sua cor.

Na leitura vigostkiana⁹, da qual explanamos sobre a teoria interacionista ou corrente histórica sócio cultural, podemos compreender o desenvolvimento da criança, através do uso da linguagem com base na interação social.

Fazendo uma adequação ao uso de linguagem não verbal, no livro didático, qual dentro da vertente semiótica, ganha o nome simbolicamente de signos, que por sua vez trazem seus significados. Consequentemente podem trazer ao indivíduo (aluno), uma construção social que implicará na ratificação de identidade negra. Sendo antes necessário, para tal afirmativa, disseminar as sementes de conhecimento de auto-afirmação.

Entendemos que o processo fragmentado de auto-afirmação da identidade negra vem desde a construção histórica nacional marcada pela escravidão. Essa fragmentação de não reconhecimento da identidade negra espalhou-se no meio social do nosso território, fazendo com que o indivíduo negro, fosse marginalizado.

Se a negatividade do reconhecimento de etnias Afro-Brasileiras é perceptível, na interação social do nosso tempo e espaço, logo podemos compreender a lentidão da inclusão de personagens negros no espaço voltado a imagens de criança negra nos livros didáticos de língua portuguesa.

A destruição do reconhecimento da raça negra se sobressaiu ao longo do século. Mesmo depois de ter ocorrido algumas modificações, sob empenho de lutas de movimentos sociais de exaltação a busca da valorização da identidade negra. Ainda há resquícios de preconceitos raciais. O livro didático, também em tempos remotos reproduzia discursos e imagens de interiorização dos negros e seus descendentes.

⁹Lev SemionovitchVigotski (1896-1934) foi um pensador soviético (perseguido e censurado pelo regime stalinista) que produziu uma das mais célebres contribuições à psicologia no século XX. Vigotski entende o desenvolvimento como revolução e não como simples incremento ou evolução. Para ele, a diferença entre seres humanos e animais é qualitativa, e não quantitativa. Quando ele diz que a consciência se desenvolve, diz que todos os seres humanos criam-se como tais nas relações sociais e isso é necessário, e não casual. FONTE: www.esquerdadiario.com.br

Acreditamos que o indivíduo interage com o meio o qual está inserido, neste caso consiste no espaço escolar. Sendo necessária, assim para um desenvolvimento satisfatório uma relação saudável com os objetos deste meio, é interessante que tenham materiais pedagógicos neste espaço escolar, que tragam referência a diversidade de etnias. Através da interação com os materiais voltados à inclusão de culturas e etnias, é possível fazer uma nova organização social aos indivíduos, que antes eram excluídos.

Para que haja uma construção de memória nacional pluralizada é preciso preparar antes, os instrumentos materiais, a exemplo dos livros didáticos, para que assim, se façam uma nova produção imagética de retratação da cultura brasileira. Ou seja, uma cultura pautada na diversidade racial, portanto assim, haveria uma contribuição mais significativa, para a desconstrução da existência de um Brasil hegemonicamente branco.

Sabemos que pelos vestígios da historiografia, a população negra tem uma herança de negatividade sócio cultural. Esta herança da negação do indivíduo faz com esta população tenha um déficit em sua condição sócio econômico e cultural, que persiste até os dias atuais. A condição da população negra tem sido modificada pelo movimento de resistências, que propagam a diversidade cultural de uma etnia. Em reflexão sobre os caminhos percorridos pelas imagens até adentrarem no universo historiográfico, chegamos ao diálogo inicial com a corrente positivista.

De acordo com o pensamento positivista, as fontes históricas válidas consistiam apenas nos documentos gráficos e oficiais pelo Estado. Quaisquer outras fontes eram inválidas como recurso de análise histórica. O material visual passou a ter conotação relevante com os estudos dos *Annales*, que romperam com a noção de documento pensada pelos positivistas. Os *Annales* passam a explorar o campo material visual como uma fonte histórica para ser compreendida a temporalidade dos indivíduos. Entre as fontes que faziam parte deste novo leque de possibilidade na pesquisa científica, estão às fotografias, as imagens, cinema, arte e oralidade, etc.

Embora possa parecer um trabalho simples por se tratar de imagens, é preciso esclarecer que se trata de um levantamento criterioso, com requintes de sutilezas e atenção. Não podemos nos deixar cair na superficialidade e na análise de apenas um primeiro olhar, pois o trabalho com imagens consiste num campo sensível e passivo de significados que permite um diálogo com o espaço e o sujeito ao qual pretendemos problematizar.

Ao fazemos uma busca historiográfica com relação ao uso de material visual na pesquisa, podemos tomar por base os estudos de Peter Burke (1992), que ao descrever a imagem, qual foi inserida na pesquisa histórica, discorre sobre as dificuldades concernentes a leitura da imagem, então vejamos:

Embora os historiadores utilizem diversos tipos e material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficar em mais a vontade com documentos escritos. Consequentemente são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativas, sob aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes a pessoa profissionalmente ligadas a problemática visual (BURKE, 1992, p. 237).

No campo da história, temos uma compreensão como o material visual ganhando conotação para desenvolvimento na pesquisa histórica, com intenção de problematizar os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, de uma determinada sociedade através do uso instrumental da imagem, seja ela encontrada no livro didático ou em outro espaço no qual a mesma seja inserida. No entanto no campo da linguística, temos a semiótica que estuda os signos e símbolos, na qual os mesmos trazem suas leituras e significados de determinadas culturas, explicando as esferas que integram cultura, política, economia, ou seja, através dos signos e símbolos podemos fazer uma análise do passado-presente.

Acreditamos que não seja possível trabalhar a categoria de imagem sem antes fazer uma breve explanação conceitual da semiótica¹⁰, campo no qual encontramos os estudos feitos por Barthes (1996). A semiótica ganhou espaço dentro da historiografia francesa, por volta de 1950, do século XX, onde o autor aqui apresentado teve influências em Ferdinand Saussure, que esboçou uma explicação de uma ciência geral de todos os sistemas de signos, acrescentando os extras linguísticos, pelos quais os indivíduos comunicam-se.

São exemplos desses signos: as escrituras, o alfabeto de deficientes auditivos, os signos militares, entre outros, que visam a uma comunicação, entre outros. Em um estudo simplificado notamos que a semiologia tinha duas funcionalidades, a primeira estaria direcionada a propor uma teoria geral da pesquisa semiológica, e a segunda para elaborar semiologias particulares, aplicadas aos objetos e domínios que segundo Barthes (1996) seria a moda, vestuário, propaganda, etc.

¹⁰Semiótica e os estudos dos signos que tem como precursor ao estudo desta ciência, Ferdinand Saussure.

Segundo a semiótica as imagens são categorias simbólicas designadas aos signos que trazem consigo a diferenciação do significante e do significado. Poderíamos nos questionar porque problematizaremos as iconografias do livro didático do 8º ano da *Vontade de saber* e qual relação elas podem fazer a vida dos leitores? Antes de esmiuçar as observações das iconografias encontradas no livro de didático de língua portuguesa do 8º ano do Ensino Fundamental II, é necessário esclarecermos de que forma uma ilustração pode interferir na construção da memória referente à vida do sujeito que terá acesso do mesmo.

As imagens, não são signos produzidos de modo aleatórios, eles fazem parte de um mundo cultural da representação sobre uma determinada sociedade que a adota. A iconografia tem função ambígua, por parte de quem a produz e também para aqueles que a visualizam.

A significação que esta imagem possa evocar será variável, a aquele indivíduo que se depare com a mesma, pois o entendimento será diversificado de acordo com a bagagem cultural de cada um, dentro da sua temporalidade e espaço. Por esta razão enfatizamos este estudo voltado à introdução da imagem da criança negra no livro didático, sabendo que isto pode influenciar diretamente na representatividade daqueles que consomem as iconografias encontradas no livro em questão.

Quando se trata de ilustrações encontradas no livro didático do 8º ano do Ensino Fundamental II, observamos que há uma inclusão das figuras de personagens negros, os quais os alunos negros poderão identificar-se. Pois, além das imagens encontradas há também textos que fazem alusão à realidade de crianças negras, permitindo a elas uma identificação à cerca da sua identidade negra, facilitando a relação entre o aluno e o livro para o aprendizado.

Imagem 01: A criança negra em sala de aula

Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 189.

A imagem acima mostra a inclusão da criança negra no espaço escolar, respeitando as características de uma pessoa negra, sem caricaturas, que possam inferiorizar o indivíduo negro evidenciado na imagem. O que implica dizer que as crianças negras que apreciarem esta ilustração se sentirão incluídas no livro.

De acordo com Monica Kornis (1952) sobre a temática voltada à imagem, seu uso se dá pelo fato que encontramos na mesma um incentivo, ao uso da imagem no campo do ensino, que destaca a importância de se usar ilustração, propondo uma análise crítica auxiliada da ação do historiador.

Segundo Kornis (1952), o historiador precisará educar seu olhar mediante as imagens apresentadas. Parafrazeando Kornis (op. cit), ela dirá que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida em um dado contexto histórico. No livro que optamos em analisar, percebemos que a construção da linguagem realizada a partir do uso da imagem, voltada a criança negra, foi predisposta a respeitabilidade de uma identidade afro-brasileira.

Também podemos citar a referência quanto ao estudo sobre imagens, o autor Napolitano (2010), qual enseja que, o mundo em que vivemos é dominado por imagens, e elas por sua vez, trazem diretamente uma realidade, provocando certo realismo. “imagens estas que por sua vez, tem como características serem atribuidoras de uma realidade direta”. (Napolitano, 2010, p. 236).

Concluimos neste parágrafo que há um estudo de seriedade voltado as imagens onde as mesmas podem desempenhar um papel funcional ao aprendizado escolar se elas forem levadas como ilustrações relevantes no intuito de instrumento reflexivo. As

figuras da linguagem não verbal¹¹ que estão presentes no livro didático proposto, no qual trazem imagens de crianças negras, tem como objetividade fazer uma inclusão de identificação pela auto-afirmação da cor negra.

2.1-Discurso e identidade na projeção das iconografias

Para adentrar neste tópico propomos algumas breves significações sobre o discurso e identidade dentro da abordagem analítica voltada ao estudo das imagens. O primeiro ponto que tem como princípio ancorado o teórico francês Michel Foucault (1970), em sua obra *A ordem do discurso*, que inicialmente trás uma problematização sobre a análise do discurso. Foucault nos leva a fazer uma reflexão sobre a (des) construção do discurso, tratando-se de uma prática inserida na sociedade.

Em sua obra discute as etapas ligadas aos discursos, o que permite fazermos uma rápida observação a este tópico. Foucault chama atenção para os sentidos da verdade e da não verdade, que historicamente pode ser construídos. Segundo Foucault a vontade de verdade se apóia em um suporte institucional, que tem por confirmação um conjunto de práticas que sucessivamente são inseridas na sociedade legitimando a dominação e poder.

Sabemos que a construção do discurso dar-se-á pela temporalidade histórica construída, que produzem signos e símbolos ao ponto de executar ou forjar certa “realidade”. A sociedade consome aquilo que é ordenado e manipulado. Referente à nossa explanação neste parágrafo faz uso às palavras de Foucault em sua aula inaugural no Collège de France, ministrada em dois de dezembro de 1970, vejamos:

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez teatro muito provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

O discurso que foi condicionado ao negro é que ele não poderia sair do seu papel de escravo, este mesmo indivíduo, teria que negar sua cultura e religiosidade. Seguindo a temporalidade das narrativas históricas guiada pela historiografia positivista nos

¹¹Linguagem não verbal é uma forma também de transmitir a comunicação utilizada também através de um código de simbologia. Utilizam de outros meios comunicativos, como placas, figuras, gestos, cores, sons, ou seja, através dos signos visuais e sensoriais.

deparamos com diversos relatos que inferiorizam a capacidade do negro enquanto indivíduo.

Encontramos que a condição do negro está relacionada ao animal que este por sua vez não é capaz de eficiência, sem uma ação do seu mediador. O discurso imposto aos negros tinha uma carga depreciativa, introduzindo á estes indivíduos discursos falsos, colocando-os em um encaixe de incapacidade de raciocínio e moral social.

Este discurso de inferiorização do outro está relacionado à discussão etnocêntrico, que coloca o outro a margem do centro. A negação e depreciação do outro pode ser pensado a partir de Tzvetan Todorov (1993) *em Nós e os Outros*, qual faz uma divisão das facetas encontradas no etnocentrismo:

O etnocentrismo, portanto, tem duas facetas: a pretensão universal, de um lado; o conteúdo particular (o mais frequentemente nacional), de outro. Os exemplos de etnocentrismo são inumeráveis, tanto na história do pensamento na França como em outros países; não obstante, quando se busca a ilustração mais apropriada - e no momento não se trata de além de uma ilustração que simplesmente permita fixar as idéias - a escolha parece claramente indicada: será o que Hyppolite Taine chamava, em *Les origines France contemporaine*, de “espírito clássico”, o dos séculos XVII-XVIII e que às vezes é identificado (no estrangeiro) com espírito Frances (TODOROV, 1993p. 22).

Como já foi dito anteriormente, a Nova História Cultural, viabilizou a proposta de novos objetos e sujeitos a pesquisa histórica. O uso da iconografia no campo da história vem como fonte documental de complemento narrativo. Trazendo suporte à compreensão de ligamento do discurso com a ilustração, tomada como fonte. Parafraseando Paiva (2006, p. 17), “a iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas [...]”. A iconografia tem como dimensão cultural de referir uma determinada temporalidade, propiciando ao historiador fazer estudo, voltado a caráter social ou cultural.

Quando nos dispusemos nesse trabalho analisar a imagens do livro didático sobre a criança negra é porque, compreendemos que a inclusão da mesma nos livros foi realizada a partir de lutas dos movimentos negros, voltados à afirmação da identidade negra. Como é de conhecimento de alguns historiadores, às iconografias, relatam algum significado, da sua temporalidade dentro do espaço vivido pelo sujeito que se depara com ela. O que permite que a use de forma consciente, para sua construção de identidade.

Por isso que nossa proposta aqui foi identificar a posição positiva, sobre ações afirmativas quanto ao povo negro. Acreditamos que fazer o uso da construção da

representação da identidade, através das imagens é possível desenvolver uma nova realidade social a cerca da identidade voltada à negritude. Desta forma percebemos que os signos são importante no processo de construção de identidade negra, uma vez que os mesmo sejam evidenciados nos livros didáticos, de forma que tragam imagens positivas ,para o enaltecimento da população negra.

Pois, acreditamos que quanto mais se toma conhecimento com relação à diversidade etno-racial que habita nosso país, maiores são as possibilidades de construção do empoderamento da criança negra, assim como também a construção do respeito entre todas as crianças.

3. RESSIGNIFICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA APLICABILIDADE DA LEI Nº 10.639/2003

Observamos que o conceito de representação, discutido por Chartier (2002), pode ser atribuído às divisões do mundo social. Uma vez que a representação pode imbricar em hierarquias ou separações do mundo social, da qual se não houver uma noção de conhecimento prévio destituído, de práticas pejorativas, voltada às etnias negras ou afro-brasileiras, haverá uma esfacelamento da construção da identidade do sujeito.

Para que haja uma modificação na diferenciação de aceitação do outro, é preciso, repensamos de que forma a representação do mundo social está sendo apresentada, seja no meio das artes, de diferentes esferas, ou até nos discursos que mobilizam, uma nova construção de memória.

As formas de apropriações que são inseridas são mundo social, precisam ser propagadas, no tocante de faz-se, uma busca de auto-afirmação na construção do sujeito, em pró de uma busca identitária. A identidade por sua vez, que não deve estar em prática de ação negativista à condição do indivíduo, deve conter uma significação de valor ao sujeito, apresentando a ele preservação das especificidades particulares de cada etnia, estabelecendo um sentido de igualdade dentro da diferença. E dentro desse passo, no sentido de respeito e alteridade, é que vemos a importância da aplicabilidade da lei nº 10.639/2003, a qual falará adiante.

Para que a história cultural pudesse ser introduzida teve que passar, pelas ações de fontes e metodologias. A História Cultural poderíamos então compreender que seria a aglutinação das abordagens da história com a antropologia, ou seja, a História deixa de caminhar sozinha e passa a transitar entre outros campos disciplinares afim de uma melhor compreensão, social-cultural.

A História cultural é andarilha de diferentes campos do saber, pois trilhar categorias entre o social, político e cultura. A Nova História Cultural enseja trazer para o centro os sujeitos marginalizados nas tramas historiográficas, dentro deste viés, nossa temática se enquadra.

Com a emergência da nova história cultural, se passou a problematizar a existência dos sujeitos ordinários¹²(CERTEAU,2006), seguindo ritma na perspectiva certeuniana:

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior dos textos. Nem os esperas. Zomba deles. Mas nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas (CERTEAU, 2006, p. 52).

O termo aqui aplicado aos negros dar-se-á pela sua trajetória histórica de demarcação de poder político social e cultural, quais fazem parte da história do Brasil em sua abrangência de caráter cultural, pois os mesmo eram considerados homens comuns, homens do cotidiano, mas que propagaram uma contribuição grandiosa na cultura brasileira, deixando como herança: oralidade, valorização da humanidade, crenças.

Em acompanhamento sobre a história dos negros trazidos do continente africano, encontramos em nossa cultura brasileira a fusão de hibridismo das culturas existentes entre o Brasil e a África, este “mister” cultural, faz identificar a ação do povo negro que tiveram iniciativas de resistências não só no tocante da arte, escrita, língua, seus atos vão para além da história. O Movimento Negro reivindicou espaço de representação também no livro didático, levando em conta a busca pela valorização da sua identidade e sobre esta iniciativa que faremos referência neste terceiro capítulo.

Buscando compreender o passado históricos do povo negro, trazemos Lélia Gonzales (1982) a autora nos ajuda a entender como o espaço social do negro foi inserido dentro da historiografia brasileira, pois os negros não acompanharam o crescimento estrutural econômico país, durante ás décadas apontadas pela autora. Ou seja, “o milagre econômico” não alcançou a todos, ele foi restrito. Os negros segundo Gonzales, tiveram seu espaço social na dinâmica trabalhista *nas margens*¹³ eles ocuparam os trabalhos inferiores, a exemplo da construção civil, nas desativações de ferrovias, nas limpezas urbanas. Mesmo que o Brasil estivesse emergindo economicamente durante o período militar, os negros foram excluídos, não puderam

¹²O termo ordinário, é o nome aplicado por (CERTEAU, 2006), quando mesmo fala da posição do comum, que inventa o cotidiano com suas praticas simples, na maneira de fazer suas ações corriqueiras.

¹³ Obra de Natalie Zamon Davis, que narra à história de três mulheres que foram consideradas, inferiores diante da sociedade da época. Esta obra nos permiti a identificar dentro da historiografia o lugar dos excluído e silenciados, que dentro da história cultural ganha destaque como protagonistas.

fazer o acompanhamento tecnológico industrial, pois eles não tiveram a oportunidade, a exemplo do ABC paulista.

Quanto ao estudo voltado ao conceito de representação temos por compreensão que elas partem de categorias construídas, que são diferenciadas de acordo com CHARTIER (2002).

As representações do mundo social assim construída embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são determinados pelos interesses de grupos que forjam. Daí, para cada caso, necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p.17).

A partir da leitura de CHARTIER (2002), podemos entender que a História Cultural tem como objetivo, identificar o modo como em diferentes lugares e até momentos sobre uma determinada realidade social pode ser construída, dada e até mesmo ser lida e pensada.

Nessa dimensão de busca de identidade negra é que nos debruçamos a quantificar os personagens inseridos ao livro didático proposto a nossa pesquisa. Na imagem abaixo temos uma criança negra sendo inserida no espaço escolar em sentido, de igualdade social com as demais crianças. Observemos que não há fragmentação na caracterização da criança negra, há um respeito com sua estética.

Imagem 02: Espaço escolar



Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 20.

Quando pontuamos aqui sobre representação do mundo social, previamente temos que entender que tal categoria, parte do princípio de construção. A representação, ela não é simplesmente, prontificada, ela é moldada, pelo conceito da língua. Que por sua vez seguem a esferas de interesses, fomentados em discursos. Ditos a posição

daqueles que a utilizam. Poderíamos até então perceber que as percepções sociais, não partem de discursos neutros ou isolados, eles fazem parte de construções de grupos interessados. Desta forma cabe ao historiador investigar a retratação da imagem apresentada.

Imagem 03: Respeitabilidade



Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p.27.

A imagem acima nos mostra que o livro didático *Vontade de Saber*, trás a pessoa negra dentro de uma representatividade espacial do lugar do negro como, protagonista, não foi encontrado neste livro alguma imagem que tivessem personagens negros que fossem retratados de forma negativa. E também podemos englobar ao nosso estudo as leituras sobre *representatividade* a partir da leitura de Sandra Pesavento (1995), que faz uso desta categoria sobre representação:

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogam de espelhos onde o 'verdadeiro' e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação de ser e parece (PESAVENTO, 1995, p 24).

Anteriormente falamos sobre a importância do conceito de representação para a construção da identidade do sujeito. Podemos associar a representação com a ideologia, pois acreditamos que ela não é criada de forma neutra, ela segue a partes interessadas, que pode fazer uma construção da representatividade. Para afirmação desse ponto aqui descrito teremos como apoio o autor Stuart Hall (2003), que problematiza a relação entre a ideologia e outras práticas sociais em termos do conceito de reprodução. Hall questiona a finalidade da ideologia. Em resposta podemos acompanhar na citação:

É reproduzir relações de produção. As relações sociais de produção são necessárias à existência material de qualquer formação social ou de modo

produção. Mas os elementos ou agentes de um modo de produção, especialmente no que diz a respeito ao fator crítico do trabalho destes, têm que ser continuamente produzidos e reproduzidos (HALL, 2003 p, 161).

O que podemos concluir a respeito da instrumentalização ideológica é que ela constrói uma identidade independentemente do que ela traga em sua vertente de veracidade, o que podemos concluir é que a ideologia pode ser manipulada por grupos dominantes que produzem sua mentalidade, parafraseando Hall.

A lei nº 10.639/2003 tornou-se obrigatório ao ensino de história e das culturas africanas e Afro-Brasileiros. Ela não fica só restrita ao ensino de história, ela também engloba as demais áreas do conhecimento. Quanto à obrigatoriedade, encontramos o livro didático de língua português, esta inclusa a essa lei. E notável que, houve uma modificação na produção textual, que fazem a cerca dos conteúdos sobre a temática das culturas africanas e afro-brasileiros.

A produção textual como qualquer outro livro de língua portuguesa, faz uso de imagens para que o leitor-consumidor (aluno) possa ter uma boa assimilação da proposta em elucidação no livro.

Imagem 04: Interação social



Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 34.

Quando examinamos o livro didático de português, *Vontade de Saber*, do 8º ano, constatamos que as produções textuais são condizentes com a proposta em lei regulamentada Lei nº 10.636/2003, ou seja, a textualização inserida a esse livro tomado

como núcleo importante a esta pesquisa, esta dentro da nova perspectiva, voltada as diferenças de etnias, que por outrora as imagens ilustradas também fazem atribuições a Lei nº 10.636/2003, deixaram de trazer conotações pejorativas, que evocavam aos grupos de etnias afro-brasileiros e deram ênfase e nova visibilidade ao povo negro.

Na figura abaixo notamos que novamente há uma exposição de criança negra, sem conotação pejorativa ao personagem negro apresentado pelo livro, em questão.

Imagem 05: Descobrimo o saber



Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 127.

Temos grande conhecimento, na base de construção social brasileira que nem sempre, o respeito para com os considerados “diferentes” foi aceito de forma tão branda. Dentro da trajetória de uma cultura histórica das produções sobre livros didáticos.

As imagens publicadas em livros antigos traziam apenas imagens de crianças brancas, enquanto as crianças negras tinham papéis secundário, isto é, quando elas eram ilustradas. E quando as crianças negras eram representadas, tinham seus fenótipos exposto de forma pejorativa, como os cabelos crespos, lábios grossos e por vezes destituídos de intelecto dependendo da retração textual, aplicado ao livro didático de língua portuguesa.

Há não reprodução de representantes negros em livros de forma geral, faz com o indivíduo fique mais vulnerável para o combate discriminatório da sua cor negra. Pois, o meio sociocultural, trás em diversas áreas a projeção de discurso embasado no etnocentrismo.

É inteiramente primordial, repensarmos qual o papel aplicado ao negro dentro da conjuntura social e quais ações de contribuições em detrimento de noções a construção de uma formação contundente da identidade negra inserida ao livro didático de língua portuguesa.

Com a política de inclusão social, sob a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003, observamos que há uma política inclusiva de personagens negros no livro didático, respeitando, as suas características físicas, inseridos como representantes e personagens negros. Porém, de negatividade encontrada, no instrumento intelectual do saber, o livro que usamos de base a este estudo, *Vontade de Saber* do 8º anos de língua portuguesa (2012). O que pode ser apontado, é que de forma implícita, que há uma leitura visual etnocêntrica onde há maior quantidade de personagens brancos, ao longo da desenvoltura do livro didático. Sendo assim ainda persiste uma soberania intrínseca de reprodução ilustrativa voltada a personagens brancos, minimizando a quantidade dos personagens negros.

Com tudo o que indagamos, é que mesmo havendo uma lei que faça uma obrigatoriedade de interação aos considerados excluídos da história, os afro-brasileiros, é existente os subterfúgios, que são implementados ao livro didático em questão, de fazerem uma negatividade de representação aos negros.

Ressalvamos algo significativo em nossa construção histórica é que a população negra é uma quantidade expressiva demograficamente, e que este material instrumental didático, foi direcionado a rede pública, na qual se encontra um número considerável de alunos negros.

Imagem 06: Respeito às diferenças preferenciais



Fonte: *Vontade de saber português*, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012, p. 214.

A imagem acima nos faz perceber que temos que haver dentro de cada sujeito respeito ao próximo, independentemente a quem seja.

Fortalecendo ainda o discurso de “minorias” entre às etnias afro-brasileiras, nos deixando preocupados e reflexivos, pois sua dimensão territorial e em escala cultural sabemos, que nos alicerces de sentimento nacional está, entremeadas em três etnias aqui encontradas desde a colonização, nativos, europeus e negros.

Compreendemos que é nítido o esforço do Movimento Negro, para minimizar as ações de inferiorização aos afro-brasileiros, igualmente entendemos na citação abaixo:

É pensando na tessitura dos personagens negros, sob o viés da Lei 10.639/2003, no que tange à valorização da história e das culturas africana e afro-brasileira, que chamo a atenção para a necessidade de prosseguir com os ideários da *Negritude*, com vistas à inovação desses seres, por meio de representação positiva deles nas produções literárias infanto-juvenis. Urge, portanto que se desconstrua a visão meramente eurocêntrica do currículo escolar, oriunda do embranquecimento sócio-cultural. As produções artísticas e o material didático, como um todo, não estão ilesos de tal visão (ROCHA apud, OLIVEIRA, 2010, p. 111).

A ação de enaltecer a cultura afro-brasileira teve apoio do Movimento Negro, qual foi relevante para a nova configuração de aceitação de negritude, porém ainda há muito que se alcançar, para finalmente termos uma melhor consolidação da construção de identidade negra embora lembremos que para tal processo, não será construído do dia para a noite, esta modificação dar-se-á pelo percorrer do *cotidiano*, onde o indivíduo terá sua maneira de fazer seu mundo de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, para elaboração final desta pesquisa com o estudo do interacionismo proposto por Vygotski (1993), que diz que para uma boa formação estrutural, sociocultural, das etnias afro-brasileiras é preciso fazer um apanhado de bases do construtivismo, que acompanha os elementos composicionais de memória e discurso, pois todo indivíduo é um ser a-histórico, que depende de um meio interacional, em que ele está inserido.

A legitimação da representatividade de identidade negra qual não foi realizada de forma igualitária, na construção de memória cultural histórica entre branco, negros e nativos, ela hoje está dentro do termo jurídico, embasado em lei para uma tentativa de igualdade social. A intenção prevista na Lei nº 10.639/2003, seria a reparação de erros mazelas cometidos na conjuntura histórica do Brasil.

O livro aqui evidenciado permitiu desenvolver uma pesquisa que traçou seus esforços por parte a preocupação de contribuir na construção de uma cultura do respeito à diversidade presente em nossa sociedade. Acreditamos que o espaço escolar e seus instrumentos consistem num meio proficuo a essa construção. Infelizmente ainda é pequeno o número de representações quanto à pessoa negra, na esfera visual didática, sendo de grande importância estudos que objetive o diálogo com a temática ético-racial.

O trabalho proposto fora construído em cima de análise da categoria evidenciada anteriormente, que assentam em discussões a respeito da obra didática, destacando a imagem como objeto de pesquisa, que podem ser relacionada à condição do negro, exercendo uma problematização, entre o passado e o presente, na qual está vinculada a representação e identidade negra.

Deduzimos enquanto pesquisa referente ao livro *Vontade de saber português*, 8º ano, que este material, pode servir como fonte de instrumentalização para construção de uma nova memória, desmitificando a retratação histórica escravista. Nossa intenção foi evidenciar que o uso da imagem pode fazer uma modificação, no pensar do aluno, trazendo ao mesmo o sentimento de identificação, próxima a sua realidade espacial.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: editora, Universidade Estadual Paulista. 1992.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manucla Galhardo, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 13ªed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves–Petrópolis: Vozes, 2007.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. In: Educação e Pesquisa. [online]. Ed. São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Ed. São Paulo, Loyola, 1996.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **História da África**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

DAVIS Natalie Zemon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII** São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

GONZALES, Lélia.; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Ed Rio de Janeiro; Marco Zero, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KORNIS, Monica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Editora. 2008.

MELLO E SOUSA. Laura. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. Ed São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MEC/SECAD. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-racial e para o ensaio de história e cultura Afro-brasileira e Africana**, Brasília, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. “A história depois do papel”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos e outros. (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, pg.236,2006.

OTERO, Felix Loiva. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. 2ed. Ed UPF, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. Representações. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Contexto, vol.15, nº 29, 1995.

PEREIRA, M. E. **Grupos sociais e performance intelectual**: o efeito da ameaça dos estereótipos. In: LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. Estereótipos, Avaliação educacional. indb 246 31/03/2010 16:00:15 ameaça dos estereótipos no desempenho intelectual de estudantes universitários cotistas 247 preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA, 2004.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIS, José Carlos. “O surgimento da Escola dos Annales e o seu programa”. In: **Escola dos Annales** – a inovação em História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da (Orgs). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no Século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *Nos e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Jorge Zahar Ed, 1993.

VYGOTSKI, Lev S. **Problemas de Psicologia General**. Em Lev S. Vygotski. *Obras Escogidas*. Tomo II. Madri: Visor, 1993.

FONTES

TAVARES, Rosimcire Aparecida Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnerotto. **Vontade de saber português**, 8º ano. São Paulo: FTD, 2012.